

Verônica Lemus



Pedagogia desconectada

Netbooks na sala de aula divertem alunos e desafiam professores

Brinquedo
Alguns jovens
passam o
recreio inteiro
navegando em
redes sociais

A pequena quadra de esportes do Colégio de Aplicação da UFSC (CA), ponto de encontro da turma do futebol com latinhas de refrigerante, costumava ser um dos locais mais disputados na hora do intervalo. Hoje, o espaço nem é tão desejado pelos alunos, que agora divertem-se com conversas em redes sociais e troca de *links* com vídeos engraçados. O motivo da mudança são os *netbooks* distribuídos pela escola no início deste ano para uso em sala de aula. Enquanto os estudantes divertem-se no recreio com os novos “brinquedinhos”, os professores pensam em maneiras de usar essas novas tecnologias para fins educacionais.

Os computadores distribuídos na escola fazem parte do PROUCA, o Programa Um Computador por Aluno. O PROUCA foi criado em 2005 para melhorar a situação tecnológica da educação básica e proporcionar inclusão digital por meio da distribuição gratuita de *netbook* nas escolas públicas brasileiras. Desde o ano passado, 300 colégios participam de uma fase preliminar do projeto - entre eles, o Colégio de Aplicação, que recebeu 1082 computadores, entregues para professores e alunos do ensino fundamental e médio.

O “*uquinha*”, nome dado carinhosamente pelos estudantes aos *netbooks*, chegou no início deste ano para estudantes de todas as turmas, mas ainda não consegue atender às expectativas dos jovens do CA. O aluno Mateus Ebenriter, por exemplo, quis instalar um programa para editar vídeos, mas não conseguiu até agora. “A máquina é bem simples, possui uma capacidade limitada. A gente usa mais pra acessar a internet mesmo. Quem quer fazer algo diferente, não consegue”, avalia Mateus, que usa mais o celular e o computador de casa para fazer trabalhos escolares. “Prefiro trabalhar no computador de casa - é mais rápido. Pra ler slides do Powerpoint, uso meu celular”, explica o jovem, enquanto mostra a apresentação exibida na última aula de sociologia.

Dar suporte às disciplinas oferecidas no ensino básico é um dos principais motivos para a distribuição dos computadores. Segundo a professora Edla Maria Faust Ramos, coordenadora do projeto em

Santa Catarina, há um grande esforço das instituições de ensino para que o projeto dê certo. “Estamos numa fase piloto. Uma das grandes dificuldades para a aplicação é determinar a dinâmica do dia a dia desses *netbooks* na sala de aula.” Edla acredita que a presença dos computadores em sala de aula pode trazer benefícios para o estudante - por isso a insistência no aperfeiçoamento do projeto. “Além dos laptops, o Projeto prevê o investimento em infraestrutura, o financiamento de pesquisas pelo CNPq, a expansão das redes... Queremos proporcionar uma imersão desses jovens nas novas tecnologias.”

A “imersão” de boa parte dos alunos não ocorre do jeito que os coordenadores do projeto gostariam. Com a internet aberta para acessar as redes sociais e *sites* de vídeos, o foco de algumas aulas tornou-se o bate-papo no Facebook para alguns estudantes. “Não acredito que façam isso por maldade. Para eles é irresistível - não há uma censura. Eu poderia mandar o aluno fechar o computador, mas é melhor eu chamar a atenção, alertar sobre os cuidados na internet...”, diz o professor de geografia do CA, José Carlos da Silveira. Para ele, esse tipo de orientação é importante, mas o processo de ensino e aprendizagem não pode se perder. “A escola deve continuar sendo espaço para análise, debate e escrita. O “*uquinha*” deve ter relação com a escola. Ele pode estar ali, mas com um significado e cercado de alguns cuidados.”

A falta de uso pedagógico do “*uquinha*” também preocupa alguns pais de alunos. Para Adriano Ebenriter, pai de Mateus, os professores precisam preparar-se melhor para a entrada dos computadores na escola. A falta de planejamento na utilização dos *netbooks* gera desperdício de tempo, aprendizado e dinheiro público. “Para mim é um projeto mal gerenciado. Afinal, essa é uma tecnologia que existe há tanto tempo, né? Isso me parece história pra inglês ver, só para fazer número e aparecer em propaganda do governo.”

Mesmo com algumas críticas, a equipe do Colégio de Aplicação acredita na capacidade dos “*uquinhas*” para incrementar o processo de ensino e aprendi-

zagem, se forem tomados alguns cuidados. Romeu Augusto Bezerra, diretor do CA, admite os problemas na implementação, mas apóia o uso dos *netbooks* na sala de aula. “O computador ajuda, sim! Na hora que o aluno tiver o controle, quando ele se apropriar devidamente dessa possibilidade de conhecimento, terá uma melhor aprendizagem.” Além do bom senso dos alunos, a internet do CA bloqueia sites com conteúdo considerado impróprio - pornografia, por exemplo. “O Ministério [da Educação] exige que o projeto UCA tenha uma rede própria. E também devemos considerar que o controle de acesso vem de casa, da família, para qualquer conteúdo.”

Capacitação

Enquanto os alunos divertem-se online no recreio e usam o “*uquinha*” com facilidade, alguns professores ainda têm dificuldades no uso básico da tecnologia. Antes de uma das capacitações sobre o PROUCA, alguns docentes se reúnem para trocar ideias sobre o novo computador. Alguns deles abrem o *netbook* pela primeira vez, outros manejam o computador com facilidade, e uns poucos brigam para conseguir conectar à rede do UCA. “Como eu faço pra entrar na internet?”, pergunta uma delas. “Alguém pode me ajudar aqui?”

O objetivo deste tipo de oficina é estimular os professores a explorar mais o “*uquinha*” em sala de aula. Em Santa Catarina, uma equipe fornecerá, até o final do ano, capacitação para todas as dez escolas catarinenses que participam do projeto. “A formação faz parte da implementação do PROUCA. Queremos estimular os professores a desenvolverem nos alunos a competência na linguagem tecnológica e nas textualidades midiáticas. Para isso, temos que criar um *link* bem articulado entre a reflexão teórico-pedagógica e a prática”, defende a professora Edla Ramos.

O tema da capacitação naquele dia era o uso e as possibilidades multimídia do *netbook* na sala de aula. A palestrante Heloísa Schumacher Correa mostrou alguns resultados da dissertação do mestrado em educação defendida por ela: grande parte dos alunos

do Aplicação utilizavam computadores para assistir vídeos e usar sites de relacionamentos. A discussão sobre o uso de “novas textualidades”, porém, desencadeou um debate sobre a utilidade do computador. “Já vi alunos usando o ‘uquinho’ pra conversar entre eles, no meio da aula!”, diz uma professora “Mesmo quando não são autorizados, eles usam. Não tem mais como segurar!”, diz outra. Depois de algumas discussões mais acaloradas e trocas de experiências com o computador, Heloísa conseguiu chegar num meio termo: é preciso didatizar esse instrumento, problematizar o uso e as possibilidades que ele cria para os alunos. Afinal, como diz a palestrante, “se usarmos o computador só pra escrever, vira curso de datilografia!”.

Para alguns professores do Colégio de Aplicação, a tal “máquina de escrever digital” mostrou ser uma boa ferramenta educacional. É o caso da professora de inglês Maristela Campos, que incentiva os alunos de 5ª a 8ª séries a usar o “uquinho”. Com o *netbook*, os estudantes podem assistir vídeos legendados, traduzir e interpretar as letras das músicas de acordo com o que mostram as imagens. Além disso, Maristela leva para a sala de aula jogos online feitos para o ensino da língua inglesa. “Não podemos ficar distantes desse mundo tecnológico. Devemos nos aproximar dele, junto com os alunos! Grande parte desses jovens é alfabetizada nesses novos suportes, mas nós estamos dando acesso à todos os alunos.” Segundo a professora, alguns colegas têm certa resistência para usar o computador com as turmas. “Alguns têm medo de perder contato com a realidade, de pensarmos só no virtual. Essa discussão é importante, mas temos que aproveitar essa oportunidade!”

A falta de “mundo real” no cotidiano das crianças é uma questão problematizada por um dos principais defensores brasileiros da sala de aula sem computadores: Valdemar Setzer, professor aposentado pela USP e pesquisador. Para ele, a presença destas novas

tecnologias atrapalha o desenvolvimento dos estudantes. “O brincar infantil, atividades sadias na adolescência como a leitura e a socialização real, não a virtual, são absolutamente essenciais para se ter mais tarde adultos criativos, sociáveis, com compaixão e que tenham força de vontade e coragem para enfrentar as adversidades que certamente irão ocorrer em suas vidas.” Além dos problemas na formação, Setzer acredita que o excesso de tecnologia atrapalha o trabalho dos professores, já que manter a atenção dos alunos no conteúdo da disciplina tornou-se um desafio - principalmente agora, com a presença do “uquinho”. Antes mesmo da chegada do computador, alguns estudantes atualizavam perfis no Facebook e assistiam vídeos no Youtube, em alguns momentos durante a aula - tudo isto com um celular, *netbook* ou outro tipo de dispositivo móvel. “É uma tragédia que um aparelho possa atrair mais um aluno do que uma pessoa.”

Além da dispersão dos alunos, uma navegação sem cuidados ou supervisão na internet pode gerar problemas mais graves. Os jovens podem ser vítimas de fraudes, exposição indevida ou até assédio. Para o professor Valdemar Setzer, deixar o estudante “andar com as próprias pernas” nem sempre leva ao melhor caminho. “Em primeiro lugar, esse andar deve ser adequado para a idade. Por exemplo: uma criança pequena pode ter a liberdade de escolher com qual brinquedo quer brincar, dentre os jogos sadios e apropriados para sua idade e cultura, colocados a disposição por pais e professores. Essa individualização em relação a cada criança não existe nos meios eletrônicos, pois eles são dirigidos a uma massa, para milhões de pessoas.” O uso desorientado dos *netbooks*, para ele, reforça a ideia de computador-brinquedo. “Dê-se, por exemplo, um computador para uma criança ou adolescente. O que eles vão fazer com ele? Ora bolas, vão brincar e se divertir, e isso é absolutamente normal.”

Diego Cardoso
diego.kardoso@gmail.com

LIMITADO

Mateus gostaria de editar vídeos no “uquinho”, mas prefere usar o computador de casa

Diego Cardoso



Divulgação



“Tecnologia é panela”

Para o mineiro Rubem Alves, a “informatização” das escolas não deve esquecer de um ator fundamental no processo de ensino e aprendizagem: o professor. Em entrevista ao ZERO, o educador fala sobre a importância do pensar na sala de aula, independente do uso das tecnologias.

ZERO: Neste ano, algumas escolas de Santa Catarina começaram a distribuir notebooks para os alunos. Os computadores podem ser usados dentro da sala de aula. O sr. acredita que esta ferramenta traz vantagens para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes?

Rubem Alves: As tecnologias, em si mesmas, são como qualquer objeto tecnológico: como um canivete, um serrote, um martelo, um bisturi... Tudo depende de como elas vão ser usadas. E nesse sentido há a importância enorme do professor, porque ele vai mostrar os caminhos. Vou usar a seguinte imagem: não basta você ter panela boa pra ter comida boa. Tecnologia é panela. Você precisa ter um grande cozinheiro, ele é quem faz a comida boa. A mesma coisa com as tecnologias. Os artefatos tecnológicos em si podem nos tornar mais imbecis, mais incapazes de pensar. Você pensa que, apertando um botão, vai conseguir alguma coisa. Você pode usar um canivete para matar ou para descascar laranja. O ponto nevrálgico de todos estes programas é a inteligência e o desejo do professor. Ele é quem vai reger a orquestra, entende? Não basta você ter os instrumentos. Ter os instrumentos não vai fazer música bonita.

Z: Muitos consideram que há déficit de tecnologia nas escolas. O sr. acha que isto pode ser considerado um dos grandes problemas da educação brasileira? Deve ser prioridade?

RA: Eu acho que existem outras prioridades, sabe? A questão fundamental da educação não é ter mais computadores. Quais são as questões que se propõe aos alunos? Existe até uma expressão que eu acho detestável, os professores falam essa expressão sem prestar atenção, que é “Grade Curricular”. Essa expressão revela toda uma filosofia de que os conhecimentos vem todos eles engradados. Mas isso é de uma estupidez imensa. A questão fundamental, para mim, é a filosofia da educação. O que que se pretende com a educação? Não é usar computador - é aprender a pensar. Se toda tecnologia não for usada pra ajudar a pensar... Se você pensa bem, você usa bem os artefatos tecnológicos.

Z: Alguns defensores das novas tecnologias na escola acreditam que estamos diante de um novo paradigma educacional, pelo qual o estudante “anda com as próprias pernas” e busca o conhecimento desejado nos infinitos bancos de dados na internet. Como o Sr. analisa este ponto de vista?

RA: Os alunos devem ter noção do que é que eles desejam. Imagine que você vai fazer uma comida: enquanto você não tiver ideia do que quer fazer, que comida quer fazer, tudo que for procurar estará errado, porque você não sabe o que o aluno deseja. E nós temos um defeito muito grave nos nossos currículos: pressupõe-se que todos os alunos são iguais, que todos eles vão aprender no mesmo tempo, na mesma velocidade, as mesmas coisas... Isso não é a verdade dos alunos. Cada aluno tem um desejo diferente - e as nossas “grades curriculares” não contemplam essa diferença.